

## Resenha de

***Breve história da Europa: da Grande Guerra aos nossos dias.*****Varela, Raquel. Lisboa: Bertrand, 2018.**Rodrigo Francisco Maia<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0003-0603-5098>

*Breve História da Europa* foi publicado em 2018 pela editora Bertrand, em Portugal, e é um dos principais trabalhos de Raquel Varela – uma importante pesquisadora do campo da história e dos movimentos sociais de trabalhadores. Varela é também professora da Universidade Nova de Lisboa. Com este novo livro, proporciona uma perspectiva singular sobre os principais fatos da história Europeia nos últimos cem anos, desde o primeiro conflito mundial até nossos dias. Em particular, a perspectiva que guia o trabalho de Varela não é comum, além disso é um trabalho atraente pela fluidez na leitura, pelos exemplos históricos e discussões teóricas claras e precisas.

A abordagem teórica é o diferencial, a motivação, e o elemento que levanta curiosidade no leitor. Não se pode passar pelo livro unicamente como leitor, pois é sobretudo uma jornada de aprendizado histórico de longo alcance que estimula um repensar da própria vida como indivíduo e como sujeito social. Neste sentido, cada capítulo proporciona algum elemento novo – não há repetição de argumentos, mas uma concatenação coerente do método junto de um amplo espectro de fatos históricos. A alma do estudo desenvolvido são as pessoas, afinal trata-se de uma pesquisa histórica.

Ao todo são oito capítulos, cada um contendo os principais aspectos dos últimos cem anos: a Primeira Guerra Mundial, a Revolução de 1917, a crise mundial de 1929, o segundo conflito bélico mundial, o período de reconstrução do pós-guerra, a resistência nos países colonizados, as transformações ocorridas no período de 1968, o papel das ideias comunistas na segunda parte do século XX, a transformação da sociedade do

---

<sup>1</sup> Rodrigo Francisco Maia é doutor em ciências políticas pela Brunel University London (UK), mestre em Relações Internacionais pela Università degli Studi di Perugia (UNIPG, Itália), graduado e mestre em Ciências Sociais pela UNESP (Marília – SP). Email: framaia@gmail.com

velho continente com a União Europeia, a questão do desemprego na Europa, além de outros temas das ciências sociais, tais como segurança social e direitos humanos.

Raquel Varela fornece muitos exemplos e dados para apresentar momentos históricos, para mostrar dimensões do que na história Europeia foi a riqueza e a pobreza entre as classes sociais. Os modos de vida da burguesia, a decadência aristocrata, as condições de trabalho de mulheres, crianças, os desafios de sobreviver em regimes ditatoriais. Este não é um trabalho otimista, como causa e consequência da abordagem, não é um trabalho que apresenta eventos gloriosos, mas convida a olhar uma miríade de fatos históricos que levaram ao triunfo da burguesia como classe dominante, apesar dos esforços e potencialidades das classes trabalhadoras. O ponto de vista analítico é o da luta de classes, a crítica à propriedade privada, a qual é apresentada como o elemento mais importante na materialidade e subjetividade na sociedade capitalista, portanto, um elemento contraditório que se mantém vivo, mas que merece ser superado.

Assim, não se pode simplesmente passar a leitura pelo exemplo de Oradour-sur-Glane, a respeito do fim da II Guerra Mundial, sem que uma segunda leitura seja necessária para confirmar o que apenas foi lido. A descrição de tal evento trágico escancara a que ponto chegou a voracidade deste conflito social, a guerra. Desde a perspectiva do movimento de trabalhadores, o escrito indica como a maioria das pessoas são as responsáveis pela criação do que há de belo, ainda que sob condições terríveis. A solidariedade é um dos exemplos de um profundo sentimento humano notado em condições extremas de existência social.

Ademais, é interessante a relação entre o século fordista e as contradições no movimento das classes trabalhadoras. O apoio à guerra imperial dado pela social democracia na Alemanha é um exemplo de tal contradição. O conflito, porém, não foi apoiado apenas por social-democratas: a II Internacional Comunista, Gandhi, expoentes do Anarquismo, sindicatos, etc., defendiam o confronto como uma forma de pôr fim à guerra (VARELA, 2018, p. 19).

Passando pela estratégia do movimento comunista, a análise indica como os bolcheviques tiveram sucesso ao não apoiar a Grande Guerra e usar essa posição política como oportunidade para desenvolver a relação com as massas de trabalhadores, colocando-os na cena histórica. A partir daí, o escrito é desenvolvido

desde a perspectiva Trotskista de desenvolvimento desigual e combinado. De fato, a Revolução Russa não foi a primeira, mas foi a mais importante revolução no século mais revolucionário da história (VARELA, 2018, p. 40).

Igualmente importante foram, porém, as derrotas no campo da esquerda radical. Apesar do movimento comunista ter fundado suas bases na Rússia, em outros países foi a oposição aos comunistas quem venceu as lutas e eliminou cabeças dos movimentos insurgentes. Rosa Luxemburgo se tornou, nesse sentido, uma expoente do movimento revolucionário. A revolução Alemã era a esperança de expansão da revolução na Europa – diferentes estratégias estavam em curso, a que foi aplicada no caso alemão falhou, com altos custos. Do mesmo modo foi o desenvolvimento da indústria na União Soviética teve vários custos para as organizações comunistas: baseado na força de trabalho, mais do que no potencial tecnológico, um aspecto do regime totalitário que se instaurou.

O livro de Raquel Varela não é moralista, não se subsume diante tabus, preconceitos, ou medos do passado. Revoluções, greves, desordem, são relações humanas. Como tais, não devem ser esquecidas. A crueldade é tratada como um recurso de aprendizado histórico para nós e as próximas gerações. Igualmente, jovens, crianças e mulheres estão presentes nas análises – são obviamente membros das classes trabalhadoras.

A crise de 1929 é outro elemento central da história do século revolucionário (tal como caracterizado pelo historiador Eric Hobsbawm).<sup>2</sup> Nesta crise, as classes trabalhadoras foram convidadas a pagar os custos da crise de diversas formas: desemprego, pobreza, e também apoiando ideologias radicais, burguesas e cruéis. De fato a posição de Varela é que o crescimento eleitoral do nazismo deve ser visto com uma luta de interesses na sociedade (VARELA, 2018, p. 68). Além disso, a predominância dos regimes nazista e fascista é explicada com vários outros argumentos, como com a guerra civil espanhola e também com a catastrófica posição da II Internacional.

Um dos focos do livro é o significado de ser trabalhador precário hoje, e como era ser precário há 150 anos. Mais do que uma análise descritiva, o livro traz o

---

<sup>2</sup> Ver: Hobsbawm, R. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

movimento histórico para o pensamento do leitor, conduzindo a pensar quem somos nós hoje, indicando como aspectos criados em eventos passados ainda se conectam com o presente. O Nazi-fascismo foi derrotado, mas o capitalismo seguiu seu desenvolvimento. Novas formas, novas relações. De uma Europa destruída foram construídas alianças entre ex-rivais – a transformação da ideia de soberania nacional era necessária (VARELA, 2018, p. 125).

O livro não está circunscrito aos eventos europeus. Perpassa também pela Ásia, África, América. Religião, ciência, literatura e ideias populares. A leitura nos leva a acreditar que muitos dos eventos históricos ocorreram muito recentemente, e de fato a conexão que o livro estabelece entre passado e presente é que permite tal sensação. Pela dimensão presente deste passado recente, a impressão é que ainda é possível a transformação. Aliás, o livro conta com uma abordagem histórica que não se limita à descrição factual das coisas, como também concebe a história como instrumento da práxis no presente. Sendo uma análise desde o ponto de vista metodológico da esquerda histórica, baseada em ideias marxistas, a discussão expõe as condições com as quais as classes trabalhadoras viviam na segunda metade do século XX, tanto na Europa do Leste como a Ocidental.

Comunistas, socialistas e democratas juntos impuseram a derrota às forças reacionárias. Então, estabilidade e sistema público foram precedidos por greves, manifestações e outras formas de lutas de classes. Os principais eventos históricos são descritos de maneira clara e precisa, o que permite ao leitor uma continuidade de pensamento: a confrontação ao stalinismo em 1968, o confronto ao sistema produtivo no *autunno caldo* italiano, a trágica Primavera de Praga em 1968, o eurocomunismo.

Há também um balanço histórico. Há um claro desapontamento da autora em relação à práxis da esquerda comunista. O livro indica que os partidos comunistas agiram para defender a democracia dentro dos moldes capitalista, ainda que elementos de convulsão social estivessem presentes em diferentes momentos. Em Portugal, local de produção e publicação do livro, a Revolução de 1974 encontrou seu fim quando a democracia representativa foi estabelecida com o apoio dos comunistas (VARELA, 2018, p. 213). Na política contemporânea talvez este seja um dos casos de revolução mais importantes, pois o processo revolucionário em Portugal correspondeu ao momento no qual os aspectos mais avançados de democracia haviam sido implementados, como

desenvolvimento social com sistemas públicos de saúde e educação, nacionalização de todos os setores estratégicos da economia, o fim da usurpação colonialista e as guerras.

A situação na Itália e França durante os anos 1970 parecia ser favorável às forças de esquerda. Contudo, apesar da base social: “Em nenhum desses países os partidos comunistas quiseram tomar o poder por via revolucionária ou dirigir um processo que evoluísse para a expropriação dos meios de produção” (VARELA, 2018, p. 216).

Consequentemente, a reestruturação produtiva mudou a Europa e mudou também as relações comerciais ao redor do mundo – a China se tornou um importante país nesse sentido. Com o desmonte e deslocamento produtivo, uma profunda crise se instaurou no mundo do trabalho. E aqui algo particular aparece na análise: a ideia de que a contração de direitos não é consequência direta da crise, mas é dependente das respostas políticas que são dadas à crise. Logo, “A crise é condição necessária para processos pré-revolucionários ou revolucionários. Mas ela não é condição suficiente” (VARELA, 2018, p. 227).

O fim da União Soviética não foi o elemento determinante na erosão dos direitos sociais, argumenta Varela, afinal este era um problema que existia desde antes. A própria URSS não era um espaço de igualitarismo. A autora ainda aponta que não há uma associação direta entre mercado e democracia, ou ainda entre economia e política. Mas, por outro lado, existe relação direta entre precarização e desemprego. A discussão não se reduz aos aspectos políticos e econômicos da realidade social europeia, até mesmo porque outros fatores circundam o problema: imigração, solidariedade.

Pessoas alcançaram coisas. Pessoas criaram direitos, pessoas criaram novas perspectivas de vida. Pessoas continuam lutando, seja de maneira defensiva, seja para ir além. O livro não alivia os erros que as forças de esquerda cometeram. Se trata de luta de classes, e desde esta perspectiva, é possível romper com o eurocentrismo, por exemplo. A saída apresentada pela autora é de que, nas lutas que ainda serão travadas, há a necessidade de criação e experimentação de (nova) direção política.

*Tramitação do artigo na revista*

*Submetido: 24/08/2020*

*Revisões requeridas: 25/11/2020*

*Versão revista: 30/11/2020*

*Aceito: 18/03/2021*